

LANÇAMENTO

Novo livro da curadora mineira Adélia Borges aposta na profunda relação entre o artesanato e o design. Projetos desenvolvidos em MG se destacam

IRMÃOS de sangue

WALTER SEBASTIÃO

Criar coisas tangíveis ou intangíveis que atendam as necessidades e os desejos das pessoas. Isto é design, explica a mineira Adélia Borges. Quem não conhece os livros dela não sabe o que está perdendo. Trata-se, praticamente, da única brasileira a escrever sobre o tema sem afetação, tecnicismos ou discursos mercadológicos, vício incorrigível quando o assunto está em pauta.

Hoje à noite, no Bar Outono 81, Adélia autografa seu novo trabalho, *Design + Artesanato, o caminho brasileiro* (Editora Terceiro Nome). O belo volume, fartamente ilustrado, apresenta maravilhas. Produtos que todo mundo ama, mas, curiosamente, não observa em detalhes, curtindo a inteligência da realização. Ali estão aspectos essenciais para dar a devida consideração – e respeito – pelo Brasil profundo. Um país criador, apesar de todas as dificuldades.

Particularmente saborosa é a investigação sobre o porquê de o design e o artesanato terem vivido, por décadas, em mundos separados no Brasil, enquanto na Itália, no Japão e em países escandinavos o primeiro se desenvolveu a partir do segundo.

De acordo com Adélia, a questão remete ao fato de a institucionalização do design brasileiro ter se dado “a partir de ruptura com

o saber ancestral”, manifesto na cultura material do país e com foco na busca de projetos para reprodução racionalizada, em série, pela indústria. Equivocadamente, associou-se artesanato a atraso, subdesenvolvimento e pobreza, que seriam superados pelo futuro a ser trazido pelas máquinas, produto da ciência, da técnica e da metodologia. O resultado, observa a autora, “foi a estagnação do design” e a “perda de significância cultural” do artesanato.

Está no livro uma outra história do design e do artesanato no país. Chamam a atenção vários projetos desenvolvidos em Minas Gerais. “O estado é especial quando se fala de artesanato, particularmente no que se refere à área têxtil”, conta Adélia Borges. “De norte a sul, de leste a oeste, encontrei muita coisa relevante. Quando se fala de artesanato, as pessoas pensam em Nordeste, mas temos belas experiências em todo o país”, avisa. A especialista mineira mora em São Paulo. Jornalista, já foi diretora de museu e curadora de bienais de design. Tem vários livros publicados.

DESIGN + ARTESANATO, O CAMINHO BRASILEIRO

De Adélia Borges
Editora Terceiro Nome,
240 páginas, R\$ 80
Lançamento hoje, às 19h, no Bar
Outono 81, Rua Outono, 81, Carmo
Sion. Informações: (31) 3286-4650.
Entrada franca

LENA TRINDADE/DIVULGAÇÃO



Adorno criado pelo grupo Amor de Peixe, de Mato Grosso do Sul



LENA TRINDADE/DIVULGAÇÃO

Trabalho com folhas desidratadas feito pelo Grupo Flor do Cerrado, de Samambaia (DF)

ENTREVISTA

ADÉLIA BORGES
JORNALISTA E CURADORA

A troca é real

Por que “design + artesanato” é o caminho brasileiro?

Não é o caminho, mas um caminho. O ensino do design nasce em nosso país nos anos 1960, de costas viradas para a realidade local. Importamos o modelo alemão, que fazia muito sentido para a Alemanha, país altamente industrializado, mas pouco sentido num país em que, por um lado, a indústria era incipiente e, por outro, havia imenso número de pessoas trabalhando com processos artesanais ou semiartesanais. Era design versus artesanato, mundos em oposição. Eu falo agora de “design + artesanato”, conjunção aditiva, uma soma. Quando se fala dessa união, o caminho brasileiro é diferente daquele de outros países. Na Europa, o artesanato, hoje, é atividade individual de artistas, pessoas que muitas vezes aprenderam o seu *métier* nos bancos da universidade. No Brasil, é predominantemente atividade coletiva, realizada por grupos familiares ou de vizinhos, e sobretudo por mulheres, em sua maioria com baixa escolaridade – o que não significa baixa ou falta de sabedoria... Os objetos são produzidos em série, atividade de grande importância para a geração de renda para parcelas da população.

O que o artesanato pode trazer para o design e vice-versa?

Tradicionalmente, o artesanato lida muito bem com as matérias-primas locais. Há conhecimento a respeito da maneira de tratá-las e obter o melhor uso e desempenho. Essa produção sempre foi ecológica, *avant la lettre*. Ultimamente, cresce muito o artesanato com os rejeitos da sociedade industrial – garrafas de plástico, latas de bebida e caixas de papelão –, dentro dos preceitos da sustentabilidade. Isso o design pode aprender com o artesanato. O design pode apontar para o artesanato noções de organização da produção e de atenção ao mercado consumidor. O mais



BETO NOVAES/EM/DIA PRESS - 2/7/10

bacana: o que um pode trazer para o outro resulta de ações em que há respeito mútuo pelo conhecimento que cada um aporta. Temos visto experiências danosas, em que designers e técnicos chegam sem sensibilidade pelo que já existe, colocando a perder muitas iniciativas. O livro fala desses equívocos também. Felizmente, têm predominado experiências em que há real troca entre designers e artesãos.

Como fica essa questão na era da eletrônica?

Em tempos de eletrônica, nossa afeição ao artesanato tende a crescer. Cito um trecho do próprio livro para falar disso: “No rastro do impulso tecnológico, vivemos num mundo da massificação, da impessoalidade e desterritorialização. Nossos celulares e endereços eletrônicos

nos permitem manter contato com qualquer pessoa, a qualquer hora, sem importar o lugar em que estivermos. Nesse cenário, os objetos artesanais surgem como um contraponto. No mundo virtual, oferecem uma experiência real. Em vez da uniformidade e da padronização dos objetos industriais, são únicos, nunca idênticos. Têm a beleza da imperfeição – ou a boniteza torta de que falava a escritora e folclorista Cecília Meirelles. Envelhecem com dignidade, podendo permanecer ao nosso lado por toda a vida. Eles nos contam de um lugar preciso, onde foram feitos por pessoas concretas. São honestos, confiáveis, transmitem cultura e memória. Trazem o sentido de pertencimento. Por tudo isso, podem tocar – e o uso do verbo tocar não é fortuito – o nosso coração, a nossa alma”.

“
Em tempos de eletrônica,
nossa afeição ao
artesanato
tende a crescer
”

AMANHÃ COMEÇA A LIQUIDAÇÃO DO LÁPIS VERMELHO APROVEITE, OS DESCONTOS ESTÃO IMPERDÍVEIS!

LIQUIDAÇÃO DO LÁPIS VERMELHO

Aproveite produtos com descontos de até 70%
DE 9 A 12 DE FEVEREIRO
www.liquidaçãolapisvermelho.com.br

BWSHopping
DiamondMall
Pátio Savassi